

**O APAGAMENTO DO /R/
NA FALA URBANA DE RIO BRANCO – AC
UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO¹**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Vicente Cruz Cerqueira (UFAC)

vicentecerqueira@uol.com.br

1. Introdução

As variantes do /R/ têm se tornado objeto de estudo para diversos autores nas diferentes subáreas da ciência da linguagem, tais como: a sociolinguística, a fonética, a dialetologia e a geolinguística. Na obra “Estudo sobre a vibrante pós-vocálica em Porto Alegre”, Monaretto (2002, p. 253) afirma que a realização do /R/ é diversificada, podendo variar no português do Brasil, de região para região, de indivíduo para indivíduo, e, até mesmo, ser produzido de formas diferentes pela mesma pessoa, de acordo com o registro da língua que ela está utilizando. Este fonema da língua portuguesa parece ser aquele que apresenta maior quantidade de variação dos alofones no que se refere ao ponto de articulação. Podendo, pois, ser produzido a partir da zona anterior do conduto vocal, como o *tepe* [r], à posterior, como a variante *glotal* [h] [ɦ]. Em alguns casos há, ainda, o apagamento total deste fonema, ocorrência que motivou a realização desta pesquisa.

Logo, a descrição do apagamento do fonema /R/ corresponde o objetivo geral deste estudo. Busca-se analisar o apagamento desse segmento consonântico, em travamento de sílaba na fala dos rio-branquenses,

¹ Texto resultante de trabalho apresentado na VI Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, na UFAC (Rio Branco – AC), a 5 de novembro de 2011.

contribuindo dessa maneira para a caracterização do português falado em Rio Branco – Acre, Brasil. Especificamente objetiva-se identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam esse apagamento, comparando o processo de apagamento em final ou não final de sílaba, e tentando relacionar a frequência de apagamento com as classes de palavras na qual o fenômeno se verifica.

Norteados pelo método comparativo analisaremos, ainda, em quais classes de palavras há maior frequência de tal fenômeno. Importa destacar que esta pesquisa¹ segue os preceitos da sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 1994); cujo objeto de estudo é as relações existentes entre língua e sociedade. Contudo, por tratar-se de uma pesquisa² de iniciação científica temos consciência que há um longo caminho a percorrer na busca de maiores resultados, mas tal condição não serve como elemento medidor de superioridade ou inferioridade, visto que a fala assim como os indivíduos dinamizam-se constantemente. E os resultados aqui obtidos são indicadores de um dado momento da fala dos rio-branquenses.

2. Aspectos teóricos

2.1. Breve histórico do apagamento do /R/ no português brasileiro (PB)

À 18ª página da obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, Matoso Câmara JR (1970) afirma que “[...], a língua em sentido lato se subdivide em dialetos regionais, dialetos sociais e registros.” [*destaques do autor*]. Assim sendo, “[...], a língua varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais,” (CÂMARA JR., 1970, p. 17); já que as diferenças regionais são facilmente percebidas. O “sotaque” corresponde a uma das formas de manifestação destas diferenças no nível sonoro da língua; podendo servir como mecanismo indicador da região a qual os interlocutores pertencem. No Acre, por exemplo, a forma de falar dos acrianos é popularmente classificada como cantada, ou seja, “falar cantando”; alguns acrianos carregam em sua fala esta característica. No entanto, destacamos que outros indivíduos residentes na cidade também apresen-

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq.

² Agradeço a Prof.^a Cordeiro de Oliveira e a Prof.^a Dra. Lindinalva Messias do Nascimento Chaves por todas as orientações, colaborações e revisões deste trabalho.

tam esta característica; uma vez que a fala não é convencionada ao lugar de nascimento dos sujeitos, mas ao espaço em que estão ou foram inseridos. Sendo o tempo (cronológico) mais um elemento importante para a apresentação de tal realidade.

Logo, na frase:

A – /Ele queria *matá* aquela galinha./

Podemos perceber que há uma subtração do fonema /R/ no final do verbo “matar”. Comum construção na fala dos rio-branquenses. Foi possível perceber que na associação de palavras cujo penúltimo fonema é igual ou sonoramente semelhante ao primeiro fonema da palavra seguinte há uma aglutinação que resulta na perda sonora do fonema /R/; nosso objeto de estudo. Lendo Callou, Morais e Leite (1998), podemos confirmar que muitos escritores contribuíram para descrever o percurso histórico resultante do processo de apagamento deste fonema.

[...], o apagamento do /R/ em posição de coda, em final de palavra, é um fenômeno antigo do português do Brasil. O processo, em seu início, foi considerado uma característica dos falares incultos e, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno expandiu-se paulatinamente, sendo hoje comum na fala dos vários estratos sociais. (CALLOU, MORAIS, LEITE, 1998, p. 1).

Dessa maneira, do ponto de vista histórico verificamos que o apagamento da vibrante /R/ não é algo novo, ou seja, já é um fenômeno antigo que teve origem a partir do português de Portugal, vindo a expandir-se paulatinamente pelo território brasileiro a ponto de ser considerado comum aos falantes de algumas regiões. Sobre isso afirma Monareto (2002)

[...], a queda da vibrante final no português falado no Brasil foi registrada no fim do século XIX, sendo censurada pelos gramáticos e nos dias atuais, a tendência à supressão da vibrante final ocorre em todos os dialetos do português brasileiro, sendo mais frequente nos verbos. (MONARETO, 2002, p. 253).

Sobre o pressuposto, Callou (1979) destaca que o apagamento do /R/ constitui um processo bastante difundido, principalmente no que se refere à mudança de uma vibrante para um tepe; pois, a realização do /R/ é determinada dialetalmente, ou seja, pode ocorrer desde uma vibrante múltipla alveolar (rara em posição de coda) a um zero fonético (em posição final de vocábulo). Essa possibilidade de variadas realizações pode ser vista como vestígio de um processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. Essas realizações podem ser encontradas em quase todos os dialetos, mas com resultados e discussões dife-

rentes. Referente ao apagamento dessa consoante, os primeiros estudos dialetológicos no Brasil já atestavam a ocorrência do fenômeno. Assim, Amaral (1982) *apud* Castro (2006, p. 93) na obra “A resistência de traços do dialeto caipira” observa que a apócope do /R/ “[...], é uma das leis mais rígidas e mais facilmente verificáveis, da fonética dialetal caipira.” Para ilustrar esta afirmação o autor apresenta palavras como: “andá”, “muié”, “esquecê”, “subi”, “vapô”, “Artu”. Marroquim (1945) *apud* Castro (2006, p. 77) verificou na descrição da linguagem popular de Alagoas e Pernambuco, a queda do /R/, bem como a do /L/, em posição final de palavra, em vocábulos como “lugá”, “corrê”, “andá”, “alugé”, “animá”, “papé”, “currá”.

Ao tecer algumas considerações sobre o enfraquecimento do /R/ no português falado do Brasil e o português europeu Mattos e Silva (2004), à página 140 da obra *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*, afirma que o português da Europa é mais consonântico enquanto o brasileiro mostra-se mais vocálico; o que mostra o fato do português brasileiro enfraquecer ou mesmo apagar as consoantes na posição final das palavras – posição que o português europeu tem uma articulação forte. Sobre isso afirma: “[...], assim, aspiramos o <R> final ou reduzimos a zero (ama/h/, am/a/), embora seja encontrado em áreas brasileiras o /R/ vibrante, próprio do português da Europa”. (MATOS e SILVA, 2004, p. 142). Sendo assim, podemos perceber que vários estudos já foram realizados sobre o apagamento do /R/. A seguir apresentaremos com base nos dados adquiridos para o projeto “Ecossistema Linguístico do Acre” algumas considerações sobre a pesquisa no âmbito da cidade de Rio Branco.

3. Aspectos metodológicos da pesquisa realizada em Rio Branco – AC

Seguindo a sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 1994), buscamos dados através de coletas representativas da comunidade linguística rio-branquense, ou seja, entrevistamos, de forma aleatória, 35 (trinta e cinco) falantes naturais de Rio Branco. Sendo 18 (dezoito) do sexo masculino e 17 (dezesete) do sexo feminino, distribuídos em três faixas etárias assim consideradas:

A – Jovens: 14 (quatorze) a 22 (vinte e dois) anos;

B – Meia Idade: 23 (vinte e três) a 41 (quarenta e um);

C – Adultos: 42 (quarenta e dois) a 57 (cinquenta e sete).

As entrevistas foram realizadas nos bairros Irineu Serra, Bahia, Palheiral, Sobral, Nova Estação, Jardim Primavera, Tucumã, bem como, na cidade universitária da Universidade Federal do Acre. A seleção dos bairros se deu através de um sorteio aleatório. No caso dos informantes de nível superior, fizemos um sorteio dos cursos da própria instituição. Esta metodologia deve-se ao fato de que a sociolinguística variacionista parte da análise de amostras aleatórias. Somente assim poderemos oferecer a cada falante, em uma dada população, a oportunidade de ser incluído na pesquisa. Feitas as gravações, os dados foram enviados para o computador, transcritos e codificados para serem analisados pelo pacote de programas VARBRUL, desenvolvido por Sankoff (GoldVarbX 3.0bc – versão 3.0.2.3, 2005). Esse programa permite cálculos dos fatores codificados visto que o mesmo foi desenvolvido especificamente para operar os dados das pesquisas realizadas com base na sociolinguística variacionista laboviana.

No entanto, para a realização deste estudo consideramos:

A – Fatores linguísticos;

B – Fatores não linguísticos.

Como fator linguístico, verificou-se: o apagamento ou não apagamento do /R/; posição do apagamento na palavra: final ou não final; classes de palavras apagadas: verbos, substantivos, adjetivos ou outros. Para os fatores não linguísticos consideramos dos entrevistados: o sexo; escolaridade; idade. Aqui direcionamos nossa análise aos fatores sociais que podem influenciar nos fatores linguísticos como a escolaridade, sexo e idade dos falantes. Partindo do nível de escolaridade de cada entrevistado como um indicador do apagamento do fonema /R/; em qual faixa etária de idade há maior ocorrência do apagamento do /R/, bem como em qual posição ocorre esse fenômeno (apagamento) dentro da palavra. Por fim, observamos em quais classes de palavras há maior ocorrência desse apagamento.

4. Análise de dados

4.1. Variáveis extralinguísticas

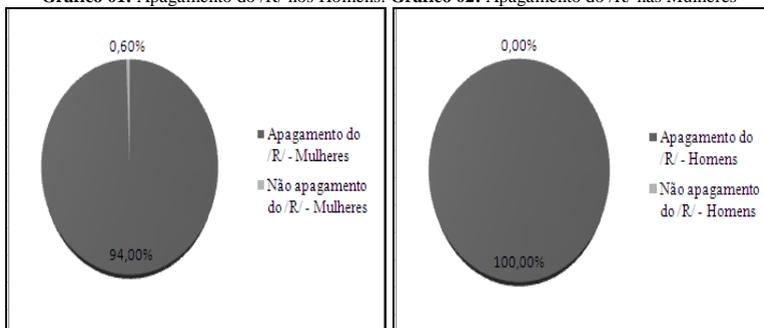
Como nosso objeto de pesquisa é a ocorrência de apagamento do fonema /R/, representamos nos gráficos¹ também o não-apagamento –

¹ Os gráficos foram feitos no programa *Microsoft Excel 2007*.

somente a título de informação, para que possamos perceber o quão numeroso são os grupos que subtraem este fonema nas palavras. Seja em qualquer posição. Para a obtenção dos resultados utilizamos análise feita pelo programa VARBRUL, sendo seu resultado apresentado em termos de percentuais.

4.1.1. Sexo

Gráfico 01: Apagamento do /R/ nos Homens. **Gráfico 02:** Apagamento do /R/ nas Mulheres



De acordo com o gráfico acima é possível perceber que dentro deste grupo que leva em consideração o sexo dos entrevistados, houve maior ocorrência de apagamento do /R/ para o sexo masculino do que para o feminino. Todos os entrevistados do sexo masculino apagaram o fonema /R/, enquanto no grupo feminino 99,4%. Logo, fica evidente que o sexo masculino apaga mais o /R/ do que o sexo feminino.

4.1.2. Escolaridade

Gráfico 03: Apagamento do /R/ na 4ª Série **Gráfico 04:** Apagamento do /R/ na 8ª Série

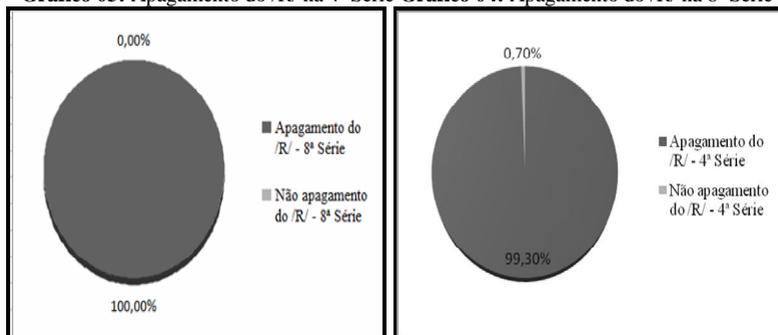
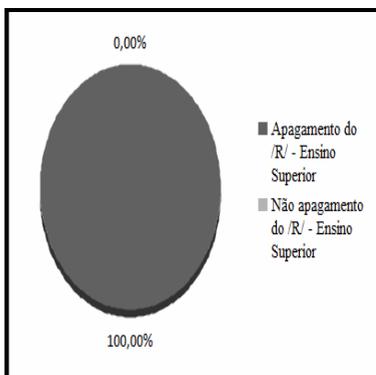
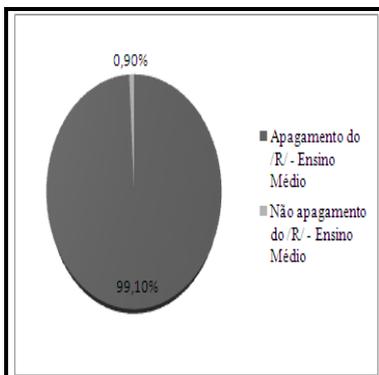


Gráfico 05: Apagamento do /R/ no E.M.

Gráfico 06: Apagamento do /R/ no E. S.



Podemos perceber que o apagamento do /R/ na 4ª série é 99,30%, já o não apagamento 0,70%. Por sua vez, no gráfico 05 o apagamento foi 99,10% e o não apagamento 0,90%. Todavia, vale que a 8ª série e o ensino superior (E.S.) apresentaram apagamento total, ou seja, 100%. Dessa maneira o fator escolaridade revela que há um índice maior de apagamento na 8ª série e no ensino superior, uma vez que na 4ª série e nas outras séries do ensino médio (E.M.) os falantes ainda realizam a produção do /R/ na oralidade.

4.1.3. Idade

Gráfico 07: Apagamento do /R/ no adulto

Gráfico 08: Apagamento do /R/ nos Jovens

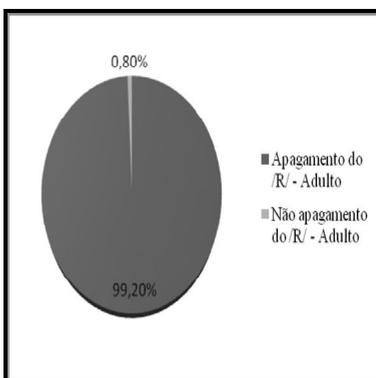
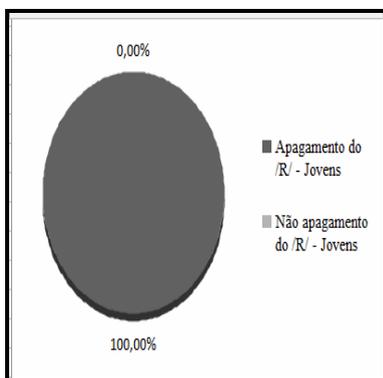
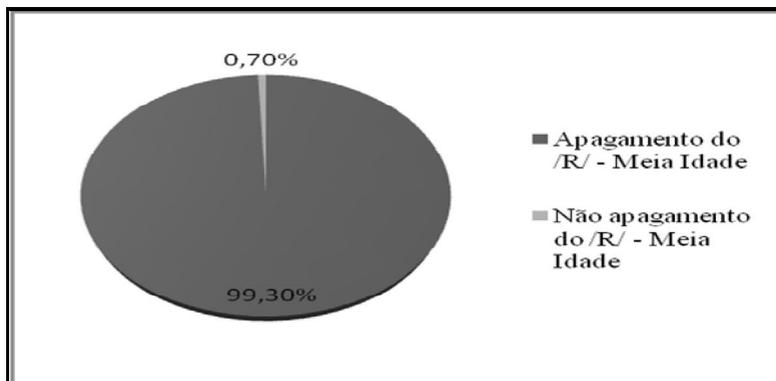


Gráfico 09: Apagamento do /R/ na Meia Idade



Houve por parte dos jovens um apagamento significativo do /R/, assim como foi constatado na pesquisa realizada por Monretto (2000) nas capitais do sul do Brasil. Já os adultos por sua vez apagaram 99,20% e os informantes de meia idade 99,3%. Portanto, os jovens são os que apagam mais a vibrante /R/, nas diversas formas de falar.

4.2. Variáveis linguísticas

4.2.1. Posicionamento do apagamento

Gráfico 10: apagamento do /R/ na palavra **Gráfico 11:** Apagamento do /R/ em pausa

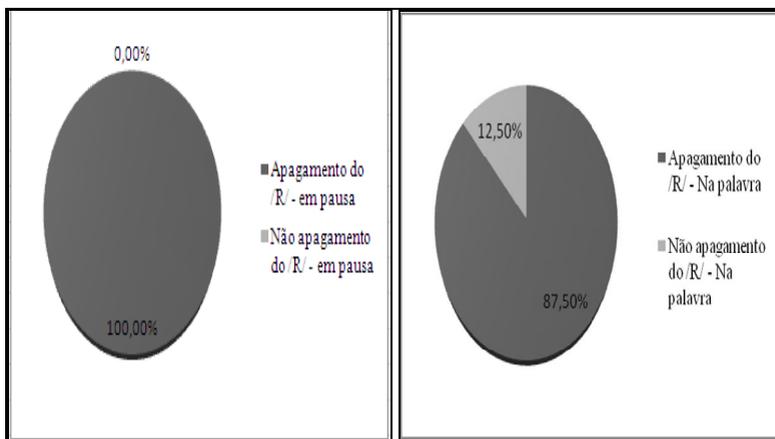
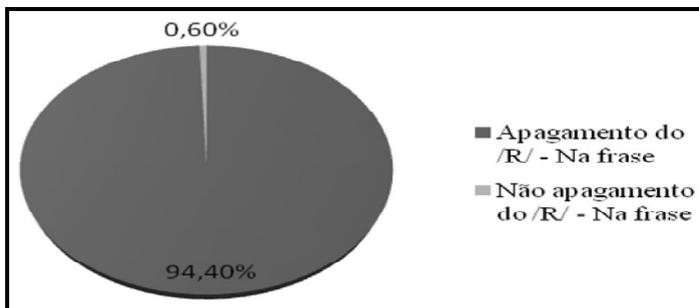


Gráfico 12: Apagamento do /R/ na frase



O gráfico 10 e 12 têm o objetivo de representar como ocorreu o apagamento do /R/ em palavras, bem como em frases respectivamente. Podemos perceber que no gráfico 10, 87,50% dos entrevistados produzem o apagamento do fonema na palavra; sendo que nas produções frásicas esta margem é ainda maior: 94,40%. Esta dinâmica, presente nestas realizações nos mostra a relação que há entre as palavras na frase. Há uma tendência, como já foi mencionado anteriormente, em aglutinar fonemas que apresentam semelhante som. Contudo, a subtração não pode se dá no âmbito do início das palavras, mas sim no final delas, ou seja, em pausa há um apagamento de 100%.

4.2.2. *Classes de palavras apagadas*

Os verbos são as classes de palavras que mais sofre o processo de apagamento do /R/; de acordo com o gráfico 14, pois somente 0,50% dos entrevistados permaneceram a produzir este fonema em suas falas. Nas palavras substantivas tivemos a permanência do /R/ em apenas 2,50% dos entrevistados; sendo que em outras classes de palavra houve 91,30% de apagamento na produção deste fonema. Sabendo que os substantivos e verbos são classes de palavras essenciais, tem-se nesta apresentação uma margem significativa do retrato da fala dos rio-branquenses no que se refere ao apagamento do /R/.

Portanto, o apagamento da vibrante /R/ não se constitui na fala dos rio-branquenses uma preocupação social e linguística, uma vez que os falantes não percebem que estão apagando o /R/, dando assim a impressão de já ser uma variante vitoriosa, na qual se verifica que não há preconceito linguístico.

Gráfico 13: O apagamento do /R/ nos substantivos **Gráfico 14:** O apagamento do /R/ nos verbos

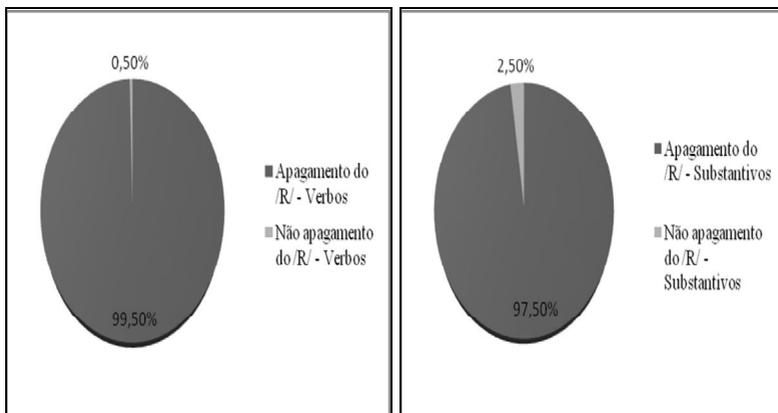
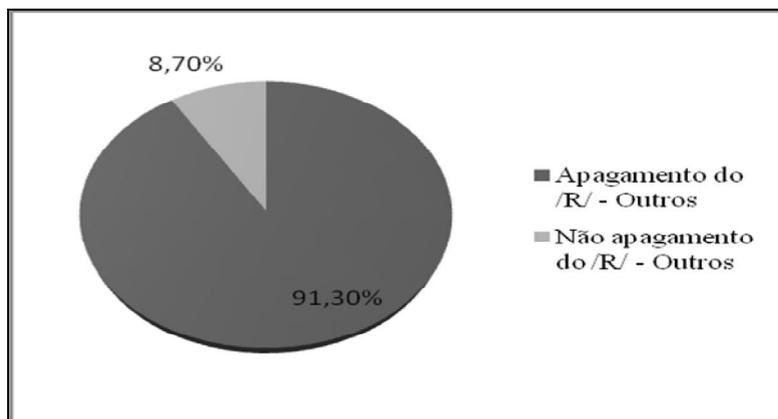


Gráfico 15: O apagamento do /R/ em outros



5. Conclusão

A partir dos dados analisados percebe-se que o apagamento do /R/ nesta pesquisa, a exemplo dos apontamentos já realizados nos referenciais teóricos dos quais tivemos acesso; o /R/ tem um apagamento significativo na fala dos rio-branquenses. Contudo, destacamos que tal característica não pode servir como elemento depreciativo para os indivíduos

desta cidade, uma vez que a fala é uma expressão livre, individual, desprovida de regras gramaticais. Também é necessário levarmos em consideração que os alunos do E.M., a exemplo dos universitários, demonstram conhecer as palavras que expressam o que nos revela o quão livre é a língua falada.

Verificamos durante a pesquisa que fatores como o espaço, o tempo, a emoção, como outros; contribuíram também para esse resultado agora apresentado. Muitos dos entrevistados demonstravam-se apressados para a realização de trabalhos diários ou para que concluíssemos a entrevista. Por fim podemos concluir que as pesquisas de cunho varacionista são de extrema importância na discussão de análise de fatores fonéticos / fonológicos da língua devido ao seu caráter quantitativo. É nosso desejo que este projeto de Iniciação Científica sirva de referência para outros projetos cujos estudiosos dedicam-se a incansável área da linguagem humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, 1982 (ed. fac. simil. da 2. ed. 1955).

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. Apagamento do /R/ Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*, vol.14, número especial, p. 61-72, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006>. Acessado em 13/07/2011.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

DIAS, A. T. B. B. *Apagamento do fonema /R/ pós-vocálico de textos em informantes em aquisição da linguagem*. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba, 2003, p. 176-180. Disponível em: <www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/020.pdf>. Acesso em: 13 07 2011.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. *Aquisição de padrões fonológicos variáveis*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002.

_____. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, V. 35. Porto Alegre, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Introdução à sociolinguística variaçãoista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.